

Assignatura

Assignatura em Ovar semestre 500 rs.
Com estampilha..... 600
Fóra do reino accresce o porte do correio.

Annunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração
rua d'Arruella n.º 119

O POVO D'OVAR

Publicações

Publicações no covo do jornal 60 rs a linha.

Annuncios e communicados a 50 rs a linha.

Repetições..... 20 rs. a linha

Annuncios permanente 5

Folha avulsa..... 40 rs

DIRECTOR—FRANCISCO FRAGATEIRO

As nossas colonias

Conquistámos e descobrimos vastissimos territorios, verdadeiros imperios ultramarinos. Mas, ao mesmo tempo que as nossas conquistas, as novas descobertas e a nossa prodigalidade nos tempos aereos deslumbraram o mundo, a falta de tino governativo deixava improductivo o grande sacrificio de vidas feito. Despovoava-se o reino para preencher as vagas nos navios de guerra, para organizar novas armadas que iam á India combater e á Africa castigar pretendidas offensas, nunca para estabelecer um nucleo de colonia nos riquissimos territorios que aceitavam o dominio imposto pelas armas.

Verdadeira nação de marinheiros, povoavamos o mar; ahí por muitos annos vivemos sós, apresando os navios que commerciavam nos mares indios, e conservando em terra algumas fortalezas, apenas como accessorio do imperio maritimo. Em troca de vidas sem numero, os combates com os gentios e com as tempestades davam-nos uma riqueza colossal que se tornava improductiva, esterelizador porque desenvolvia o luxo, a corrupção, sem augmentar o commercio, entregue, por via de regra, aos estrangeiros.

Sobreveio a crise, e das descobertas, das guerras e das riquezas antigas restava-nos apenas a gloria, que ainda hoje disfructamos, e umas fachas de territorio que nos pareciam pesadas, onde o nosso abandono se fazia sentir e que principiavam a despertar a cubica das outras nações.

A descoberta do ouro no Brasil deu novo alento ao Estado empobrecido. No paiz não cessou, apesar d'isso, a crise, mas como o Estado, circunscripto á pessoa do rei, enriquecia, ella tornava-se apparente.

Já uma vez tinhamos dado prova cabal da nossa pouca habilidade politica e administrativa, e d'esta forma mostravamos que nem com a desgraça aprendiamos. Com a riqueza voltavam as prodigalidades. O rei absorvia grandes thesouros sem nada retribuir, sem empregar a minima parcella em dirigir uma colonisação sabia e intelligente. Por isso o Brasil não foi para nós, durante muitos annos, mesmo depois da descoberta das minas, uma colonia: o emigrante não se fixava, nem alli constituoia familia, arroteava uma porção exigua de terreno onde demorava até alcançar o peculio necessario para voltar ao reino e viver sem trabalhar.

Emquanto o Brasil, devido unica e exclusivamente á riqueza de seu solo, attrahia os emigrantes, as nossas possessões d'Africa serviam para fornecer os braços para o trabalho. Dando accesso ao interior africano ahí se arrebanha-

vam grandes levas de negros, que, quando não apodreciam nos porões dos navios, eram arremessados para os mercados do Brasil enriquecendo os negreiros.

Ninguém punha duvida em exercer este commercio odioso, permittido pelas auctoridades que tambem ganharam em cada uma das cargas. O fim municipal era enriquecer, e assim enriquecia-se.

Sem ser colonia o Brasil de pauperava as nossas possessões d'Africa, principalmente as da Africa Occidental, porque o commercio dos negros, bastante lucrativo, se desenvolveu muito e continuou ainda depois das prohibições legais.

Votadas ao ostracismo, se algumas provincias do nosso imperio ultramarino se desenvolveram nada tinham que agradecer á metropole: a sua prosperidade proveio da natureza de solo e algumas vezes dos estrangeiros que n'ellas se fixavam.

Quasi continuamos hoje na antiga rotina. E contudo o enorme valor que todas as nações estão dando ás colonias devia servir-nos de ensinamento. A dependencia d'um pequeno porto de mar que pode dar ingresso ao continente negro, a incorporação d'uma facha de territorio onde o clima não seja desfavoravel, levanta letigios, chega mesmo a quebrar os tratados entre duas potencias quando os seus interesses alli são antagonicos por ambas possuirem colonias lemitrophes. Não é já a antiga vaidade cavalheiresca que impelle as nações a alargar os seus territorios d'alem mar, a colonial-os dotando-os do maior numero de melhoramentos materiaes, a fazer grandes sacrificios pecuniarios com as esquadras; é o interesse, o lucro, mas o lucro proveniente do commercio tendo por apoio a colonia nacional e estendendo alem os seus tentaculos, abraçando uma area enorme. D'ahi a grande importancia dada aos portos de mar; que tambem servem ou dos pontos estrategicos ou de estações, e ás grandes arterias fluviaes, importantes e faceis vivas de communicação.

Com as nossas descobertas e conquistas apenas esboçamos os imperios ultramarinos; restava fixal-os pela colonisação. Mas como esta faltou, quando os nossos direitos se litigaram, e especialmente na conferencia de Berlim. As tpotencias, que nos reconheciam a antiga posse, espoliarão-nos d'uma boa parte do que era nosso com o fundamento de que se não determinavam precisamente os limites. Os limites conheciam-se e bem, mas faltavam as estações commerciaes portuguezas para firirarem a soberania.

O desastre da conferencia de Berlim mostrou-nos a necessidade de olhar mais de perto por esses extensos territorios abandonados de toda a acção da metropole. Pois a Africa que fôra nos

tempos da exploração do Brazil um manancial inexgotavel de negros, era nos tempos modernos uma seara, um morgadio adjudicado aos empregados publicos, que não obtinham tão facil e tão commoda collocação no continente.

O snr. Pinheiro Chagas, então ministro da marinha e ultramar, fez um esforço gigantes para quebrar o tradicional desprezo e inercia governativa. Como nos nossos vastos territorios ha zonas onde o clima é benigno e o solo uberimo, o snr. Pinheiro Chagas tentou formar nucleos de colonias derivando para ahí a corrente de emigração que quasi improductivamente se extravasava no imperio do Brazil.

Os colonos tinham transporte gratuito e alfaias foruecidas pelo Estado, um subsidio pecuniario durante um certo tempo da sua estada na colonia, e ainda sementes necessarias para a cultura.

A este chamamento tão convidativo, accorreram alguns emigrantes e em pouco tempo esses nucleos de colonias apresentaram um aspecto animador.

Era um ensaio, uma tentativa de colonias agricolas, que provava bem.

Porem ao homem que commettia taes empreendimentos, que pelos seus trabalhos e pela sua actividade tinha pleno jus ao reconhecimento nacional, levantaram os progressistas em opposição, os maiores attrictos, fomentaram as maiores calumnias, arremessaram as diatribes mais vis. Para elles as colonias agricolas eram um erro, além de tudo.

O ministerio regenerador cahiu.

Que fizeram os progressistas quanto ás colonias? que teem feito até hoje?

Aos colonos, que embarcaram para as possessões africanas confiados nas condições propostas pelo governo, não foram dados os subsidios, não se lhes forneceu as alfaias aos ultimos que chegaram, não se animou novas emigrações para aquelles pontos. De modo que esses mecleos de colonias, entregues a si mesmos na phase do seu primeiro desenvolvimento, luctando sobretudo com a dificuldade de communicações, irão cahindo de pouco a pouco, até se extinguirem.

Se os ensaios das colonias agricolas eram um erro, a sua extincção propositada é um crime—é um crime a accrescentar aos muitos da administração progressista.

Depois do empreendimento do snr. Pinheiro Chagas, ministro da marinha e ultramar, continuamos a seguir quanto ás colonias a rotina dos tempos passados.

Agora que por um lado os inglezes e por outro a republica do Transwal pretendem mais algumas tiras do nosso territorio, um novo desastre nos virá recordar o que deviamos ter feito e não fizemos.

A eleição da misericórdia d'Aveiro e as torpezas progressistas.

E' do nosso collega o «Districto d'Aveiro» o artigo que em seguida publicamos:

O que hontem se passou em Aveiro descreve-se, mas de tal gravidade e tão indignas foram as peripecias que ahí se deram, que ficarão memoraveis n'esta terra. E' necessario que um partido tenha perdido de todo a dignidade e até o decoro que os homens que e compõem devem a si mesmos, para descerem tão baixo na pratica de acções que são um opprobrio e uma vilieza. E' preciso ser-se muito cynico e muito audaz para ir tão longe na senda da depravação. Com franqueza: o que ahí se fez aniquila um partido, e envergonha uma cidade; e para lamentar é que na terra aonde nasceu José Estevão, n'esta terra, mãe de tantos martyres da liberdade, se fizesse o que ahí hontem se praticou, com um arrojo desmedido, perante uma assembléa numerosa, e n'um templo.

Historiemos:

Eram pouco mais de nove horas da manhã quando principiou a eleição da Meza da Misericórdia na respectiva igreja, presidindo ao acto o snr. dr. Barbosa de Magalhães. Como, porém não apparecesse o livro da matricula dos irmãos, para por elle se fazer a chamada, como determina o estatuto, a assembléa reclamou para que a presidencia o apresentasse, allegando e com justo motivo que não se podia nem devia fazer a eleição por uns simples cadernos que estavam sobre a meza. A exigencia tomou tamanho vulto, que o snr. Magalhães confessou então que não podia apresentar o livro porque, este se achava em poder da auctoridade, não sabemos a que proposito.

Esta foi por certo a primeira patifaria. Pois se o livro da matricula dos irmãos da Misericórdia não se achava no archivo, d'onde tirou a commissão administrativa as relações que apresentou no acto da eleição, e as certidões dos irmãos que dois dias antes mandou passar a requerimento da opposição? Vê-se que aqui andou rabulice para fins occultos. Os nossos amigos, porém, não desejando crear attritos á presidencia, requereram para que se mencionasse na acta esta occorrença e continuassem os trabalhos. A assembléa serenou, e principiou a votação, durante a qual houve protestos por parte de alguns irmãos que tinham sido eliminados, sendo um d'elles o snr. João Pereira Campos Junior, marceneiro, que saiu indignado e vociferando contra a Meza administrativa, por o privar dos seus direitos de votar.

Convem notar que, durante a votação, os galopins da auctoridade não tiveram parança, andando a allejar votos por

todos os cantos, e premettendo segundo nos affirmam, libras e empregos com a maior frescata.

Ainda outro escandalo, e este é bem condemnavel: á cabeceira da meza e aos lados, viam-se alguns homens com caras patibulares, aqui desconhecidos, e que dizem vieram da Murtoza e Ovar para entrarem em acção logo que fosse necessario. Entre elles, tornou-se mais saliente um celebre Perna Gorda, pescador, que trabalha em S. Jacintho, nas companha do snr. Manuel Firmino. O cumulo da infamia e do desafôro.

Concluida a votação e depois das duas horas de espera, procedeu-se á contagem das listas, vendo-se que tinham entrado na urna 337. Nada menos de 63 irmãos tinham deixado de comparecer, pois que o numero prefixo é de 400.

Em seguida começou o escrutinio, durante o qual o snr. Magalhães apresentou varios aspectos. Escaldavam-n'o as listas da opposição, e por isso procurava as dos amigos, que eram em formato mais pequeno, para os animar. Este acto foi sempre escrupulosamente fiscalizado por gregos e troianos, porque esta eleição foi por certo a mais disputada que aqui se tem feito.

Havia-se trabalhado com alma de um e outro lado e os partidarios da auctoridade ajudados pela falsificação na relação dos votantes e pelo dinheiro do cofre da policia secreta (comprou votos a 54\$000 réis), havia conseguido uma boa votação. A maioria para um ou outro lado não podia ser grande, por isso a multidão curiosa e interessada agglomerava-se em torno da meza.

Na primeira fila estavam alguns influentes opposicionistas, vigiando os trabalhos. Junto á urna, hombro a hombro com o presidente, estavam de um lado seu irmão Francisco de Magalhães e do outro Miguel Ferreira de Araujo Soares, secretario da policia, e atraz logo todos os influentes da auctoridade e a malta de caceteiros.

O escrutinio correu e quando havia extrahidas 166 listas da auctoridade e 168 da opposição, chegára o momento supremo, porque na urna haviam entrado 337 listas, sendo uma branca.

O snr. Barbosa de Magalhães extrahiu nova lista da urna. Era opposicionista e dentro ficavam duas igualmente opposicionistas. Conheciam-se pelo papel. A nova correu e a multidão emocionou-se pela victoria do partido liberal, mas o braço de Miguel Ferreira d'Araujo Soares, secretario da policia, depois de breves palavras trocadas em voz baixa com o snr. Barbosa de Magalhães, estendeu-se rapidamente, largando da mão um masso de listas na urna. São numerosas as testemunhas do facto—escusam de explical-o por outra fôrma, como certamente farão os que seguem a auctoridade.

do embaixo sobre a meia bota de pelle de gamo cinzento, ou mettida dentro da bota de caça.

A saia curta d'um estofado liso, riscado, com galões de fantasia ou dourados é quasi inteiramente coberta por uma comprida sobrecaçaca, pregada em volta, aberta na frente, com grande revezes, cruzada no corpo sobre um collete de pelle ou de panno branco mate preso por pequenos botões dourados muito approximados, com cabeças d'animaes.

Esta sobrecaçaca é inteiramente debruada por um galão cosido a liso.

Pequeno bonet jochey de panno com vizeira, ornada com uma pluma de faisão cosida em pé do lado esquerdo.

A banda do sacco barbante atado, suspenso por uma correia cartucheira, os estojos para os cartuchos estão superpostos.

Um outro costume, para senhora nova, não menos elegante que aimos em casa d'uma das melhores costureiras, compõe-se de calças curtas, de panna de quadros, apertado no Joelho por uma polaina alta de couro, atacado de lado, e retida por meio d'uma presilha por baixo da sola da botina, saia curta, ampla, pregueado em grossas pregas, duplas, debruada de numerosas ordens de pespontos; jaqueta curta sem abas, acabando á altura da cintura, presa por um broche duplo de madeira representando uma cabeça de cão e uma cabeça de javali.

Esta jaqueta com botões de lado e de peito, de panno de quadros, abre sobre um collette muito longo e cruzado, de panno riscado, das mesmas côres que a jaqueta e a saia, fechando por duas ordens de botões, botões de lado e abas postigas em toda a volta, em a ponta na frente e formado postilhão atrás.

Chapeu de feltro cinzento, mosqueado, debruado por um longo galão, ornado de duas longas penas d'um tom mais escuro, presas na frente por um broche com attributos de caça e circumservando a copa ou uma tufa de penas de gallo ou de faisão collocada de lado. Luvas adequadas ás botas, ou ás polainas, a tiracollo e sacco de couro natural recortado com abertos, forrado de marroquim vermelho, e cujos motivos são debruados com um pesponto a seda de selleiro de cor amarella. Nas caçadas de gals os senhores vão em carro e as mais intrepidas a cavallo.

As amazonas que convem são as escuras, azul, verde e preto etc. o corpo aberto sobre um collete branco com bolsos de peito e botões de madreperola muito juntos, debruado com uma trança larga do mesmo tom e a saia larga e ampla em baixo será talhada segundo o molde publicado n'um dos primeiros numeros d'este anno.

Chapeu de feltro azul escuro ornado com uma aza de faisão collocada de lado e uma longa faixa de gaze de seda do mesmo azul.

N'esta estação as noutes e as manhãs são frescas e as caçadoras farão bem em agazalharem-se.

O mais commodo para realizar este intento é o costume curto com uma sobrecaçaca acolchoada que permite o ficar em corpo se á temperatura é elegante.

Quando se quer descer do carro e andar a pé, lança-se sobre os hombros uma ampla pelizadorna de pelles e presa por um grande feicho d'ouro ou de prata.

(Da Estação)

CORRESPONDENCIA E COMMUNICADO

Carta do Furadouro

Já dizia Garret—o homem precisa de crêr em alguma coisa, quando mais não seja, em historias da carochinha. Eu, pela minha parte, tambem creio sincera e inabalavelmente nos calistos. Se jogo e alguma se fila na cadeira, ao meu lado esquerdo, perco, sem remissão, os magros cobres adquiridos á custa de muito trabalho. Se estou na praia, e o vejo despontar por detraz das ultimas barracas, escuso de tomar banho porque é constipação certa ou trambolhão desastrado. Os calistos podem ser graduados segundo a sua influencia nefasta, segundo a sua idade e segundo os vicios de que são achacados. Ha uns d'uma força inconcebível, acatitados, alegres e inconscientes. Ha outros mediocremente nefastos, d'uma posição social rasoavel, mas verdadeiramente lorpas. beberões incorregíveis.

Imaginem com que desespero fiquei ao dar de cara, no principio da semana, com um dos da segunda especie. Rompia a manhã, quando principiava o banho. Mal aportou, embrulhado em sombrio e tetrico casacão, o mar cobriu-se de densas nevoas, as ondas tomaram um aspecto lugubre. Parecia que o deus Baccho, lá de pégo despejara grandes toneis de vinho que vinham tingir de preto os vivos dos largos roupões das gentis raparigas que se banhavam. O mar cachoando ruidosamente arremessava por sobre o o sequio, além do regueirão, espuma avinhada, e os banhistas não resistindo a tão grande furia trambolhavam uns após outros. Elle sorria com aquella proverbial lorpice já muito conhecida, e o sorriso accentuava mais e mais a sua influencia perigosa.

Então tive verdadeiro receio do mar. Virei d'alheta e fui mareando até á estrada, cada vez mais crente n'esta especie de perseguidores da humanidade.

Findou o banho e as nevoas alisaram. O calisto fôra almoçar. As aguas para além do banco tomaram a forma polida e d'um espelho azulado. Ao sul e ao norte os pescadores, em grande faina, n'um ó abaixo! sonoro e cadenciado impelliam, pela barranca os barcos abarrotados de redes e cordas. O aspecto melancholico da praia, momentos antes, cedia a passo á animação do trabalho.

A' noite a assembleia apparecia deserta. Eram nove horas e o snr. Teixeira, engolfado n'uma onda de luz, racostava-se á humbreira da porta principal, n'aquelle engano d'alma lèdo e cêgo que os *enragés* da dança deviam, n'esta e na noute seguinte, deixar durar, ainda por bastante tempo.

Nem um só individuo punha uma nota no grande salão de 40 sobre 7 1/2. No recanto de 4 sobre 5 avistei o calisto que pachorrentamente ia desdobrando os jornaes do dia, parecendo procurar uma noticia sinistra. Sentava-se n'uma cadeira ao bico da meza do fundo, naturalmente á espera da victima, do parceiro que n'essa noute tivesse a audacia ou a ignorancia de sentar-se ao pé d'elle. N'esta conjectura enganei-me porque horas depois viu-o jogar e o que é mais perder—encalistara-se a si mesmo por não poder encalistar outro.

Mas se a influencia se não fez sentir no jogo, produziu os mais

perniciosos efeitos na dança. Altas horas da noute entraram as damas. Os cavalheiros, que pretendiam bifar-se á influencia do calisto, flanavam a essas horas pela praia d'areia luzente, em busca d'amores serranos, ou pulando a cana verde ao som da banza salaia em algum palheiro retirado.

Não que elle a essa hora estava na sua maior pujança de força dinamica. De quando em quando lançava olhares faiscantes para a sala, onde um dos directores, carregando com o peso da cruz n'aquelle calvario, fazia de par marcante n'uma pobrissima e tristonha quadrilha de cinco pares e meio.

Pensei então nas *soirées* anteriores, ebrias de enthusiasmo, pujantes de vitalidade, principiadas ás oito e tanto e continuadas pela noite dentro, sem que a jovialidade, a animação fosse prejudicada um segundo sequer. Reconheci a força descommunal d'esse calisto terrivel, endiabrado. Quem sabe se elle aportou do longes terras do nosso Portugal para vir fazer perder a paciencia ás elegantes, e a cabeça aos cuidadosos e nobres directores?

Que as felicidades sejam consultadas, e que os sublimes estatutos da aristocratica assembleiada Furadouro tenham algum artigo onde se ache prevista a hypothese sujeita. De contrario a assembleia, vitima da caipora, tombará no abysmo das cousas impossiveis, no grande mundo de incongnoscivel, dará, emfim, a alma ao Creador.

E eu choraria por tempos infinitos sobre as ruinarias da assembleia. Com ella acabaria aquelle bocado de má lingua de que fui vitima logo na primeira noute em que quiz mostrar as minhas habilidades n'um *quatre en ligne* difficiloso. Francamente, eu manqueei, mas isto não era razão sufficiente para tres damas e com especialidade uma d'ellas parcimoniosamente sentada, seguindo com escrupulo os pés dos figurantes, me cortar na casaca sem dónem piedade,

Porque eu como *leão* e como *afficionado* atiro-me todas as noutes ás quadrilhas e ás polkas como Santiago aos mouros. Suo, esfalfo-me, gasto as forças e as solas das botas, com grande gaudio do meu sapateiro que já recebeu em bem pouco tempo dois pintos, e ainda espera receber mais.

N'estas circumstancias pensava conquistar benevolencia da parte dos *mirões* que se recreiam com o espectáculo que gratuitamente lhes forneço. Mas nem assim. Já então andava um calisto no meu encalço. E eu digo isto porque não ha trambolhão moral ou phisico que não seja originado por um calisto expresso cu subendido.

Depois d'esse meu primeiro desastre lá vou andando, ora melhor ora peor, mas sempre andando no rodopio. Não que agora, logo que o piano desafina os primeiros compassos, o recinto da assembleia parece um céu aberto. Todas as cadeiras estão occupadas de damas elegantemente vestidas, sem o luxo que incommoda e esfria a convivencia.

Entendo que o luxo, nas praias além de ser um disparate, é uma cousa estupidamente aborrecida. Incommoda quem o usa, quem vê, quem dança e quem conversa. O luxo abre as etiquetas, exila a liberdade e esfria as relações de convivencia. Aquelle *«estar á vontade»* tão necessario para a saude

tão bom para a natureza dar aos corpos o desenvolvimento, o alargamento que a idade pede e o ar salubre, oxigenado da beira-mar, exige. Lá se vae por agua abaixo. O ar da praia produz efeitos tão salutaros nas *demoiselles* elegantemente debeis, como o caranguejo nos nabaes. Ambos se criam ao pé da areia que pisa mos—um haure-se livremente, o outro é preciso compral-o a moeda cada carro. Atulhae de caranguejo um estreito vaso, collocando-lhe alguma terra, fazei a sementeira d'esse pequenito nabal: nascerão apenas debeis e infezadas nabicitas que nunca tomarão o desenvolvimento preciso para dar um fructo saboroso. A' beira-mar espartilhae uma pequena para que os vestidos do ultimo figurino assentem bem e vereis que ella em vez de alargar como a abobora, enlanguescerá, adelgar-se-ha como a enguia.

E vóz, paes de familia, decerto não quereis enguias em vossas casas, quereis mulheres, verdadeiras mulheres que propaguem, em tempo competente, a vossa descendencia até a consumação dos seculos. Nada, pois, de luxos: deixae vossas filhas alargar segundo as regras da natureza e não segundo as regras da moda.

Prometti-lhes dar uma relação das familias que estacionavam n'esta praia. Devido a obsequiosidade de um amigo meu mandei no fim da carta passada essa relação que era muito deficiente, mas foi quanto pude obter. Vi depois que essa ou outra identica foi publicada n'este jornal na secção das noticias, e por signal vinha bem errada.

Assim já não fico descontente com os snrs. typographos que fizeram á carta antecedente maiores martyrios que se podem imaginar—*solatio est miseris socios habere penates.*

A' relação publicada accrescentava os ex.^{mos} snrs. J. M. Francisco Jorge e familia; Julio Augusto de Souza Brandão e familia, João Huet de Bacellar e familia, familia Bandeira.

ANNUNCIOS

A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODAS PARA AS FAMILIAS ASSIGNATURA

Por anno 4\$000 rs.
Por semestre 2\$100 »
Avulso 200 »

LUGAN & GENELIOUX
Successores de ERNESTO CHAR-
DRON
PORTO

VENDA DE UM PINHAL

Vende-se uma leira de pinhal, sito no Mata-douro, que confina do norte com Marianna Malhadares e rua publica, do sul com José Pacheco Polonia, do nascente com José d'Oliveira Vinagre e do poente com o dr. Chaves.

Quem pretender dirija-se á redacção d'este jornal.

Edição com repertorio alphabetico

CODIGO

COMMERCIAL

APPROVADO POR

CARTA DE LEI DE 28 DE JUNHO DE 1888

E SEU

Repertorio alphabetico

Precedido do relatório do Snr. Ministro da Justiça e dos pareceres das Camaras dos Snrs. Deputados e Dignos Pares da Nação.

Preço, br. 240 rs
Encadernado 360 rs.

Pelo correio franco de porte e quem enviar e sua importancia em estampilhas ou vales do correio.

A' Livraria—CRUZ COUTINHO—Editora. Rua dos Caldeiros, 18 e 20.—PORTO.

MARZENARIA

Mezas feitas a capricho, Lavatorios e cadeiras, Commodas muito elegantes, Bons leitões e peniqueiras:

Tudo bem feito e catita Só o vende o marceneiro Joaquim Soares da Silva E por bem pouco dinheiro.

Concerta e envernisa Com esmero e promptidão Faz tudo que lhe encommendam Com a maior perfeição.

Alerta, pois, meus freguezes Toca, toca a aproveitar Vão á rua da praça O Joaquim procurar

10 — Rua da Praça — 10

Ovar

RELEJOARIA

Relojos muito catitas De mui bello regular 'Stão ás ordens dos amigos Ao pé da praça d'Ovar.

E os preços... parece incrível Que se vendam por tão pouco! Decerto todos dirão Que o relojoeiro está louco!

E então para concertos Isso é mesmo um primor Tudo bem arranjadinhos Por um pequeno valor.

Pelo Augusto da Cunha Farraia Todos devem perguntar Que tracta bem os freguezes Ao pé da praça d'Ovar.

9 — RUA DA PRAÇA — 9 Ovar

1.500.000

REIS

Dão-se a juro por hypotheca, todo ou em fracções não inferiores a 200\$000 reis.

Aqui n'esta redacção se diz.

